

# A mudança de comportamento como foco da análise energética

## *Behavioural Changes as The Focus for Energy Analyses*

Resenha escrita por Rebeca Roysen\*

\*Mestra em Psicologia Social (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil e  
Doutoranda em Desenvolvimento Sustentável (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil

doi:10.18472/SustDeb.v6n3.2015.16751

### RESENHA

**Peters Fudge et al (eds.). *The Global Challenge of Encouraging Sustainable Living: opportunities, barriers, policy and practice.* Glos: Edward Elgar Publishing Limited, 2013. 262 p. Contém bibliografia, notas e índice remissivo. ISBN 978 1 78100 374 9.**

*The Global Challenge of Encouraging Sustainable Living* é uma coletânea que reúne autores de diversas nacionalidades e perspectivas disciplinares, vinculados ao Centre for Environmental Strategy (CES) na Surrey University, no Reino Unido. Trata-se de um centro interdisciplinar que busca integrar abordagens da engenharia com insights das ciências sociais. Os textos que compõem a coletânea abordam temas relacionados à mudança de comportamento, incluindo tendências nos estilos de vida e nos padrões de consumo. A obra é organizada por Shane Fudge, professor de política energética na Exeter University, Reino Unido; Michael Peters, professor de política energética no ambiente construído na *Reading University*, também no Reino Unido; Steven Hoffman, chefe do Departamento de Ciência Política na *St. Thomas University*, EUA; e Walter Wehrmeyer, professor de gerenciamento de negócios ambientais na *Surrey University*, Reino Unido. Entre os autores dos capítulos há psicólogos, cientistas sociais, cientistas políticos e especialistas em políticas energéticas. Os textos trazem diversas perspectivas para entender a relação entre emissões de carbono e mudanças climáticas, de um lado, e as práticas e comportamentos individuais, de outro.

Segundo os editores, aproximadamente 40% das emissões de carbono na Europa ocorrem em função do uso doméstico de energia e de práticas de transporte, o que justifica colocar o indivíduo e a unidade domiciliar como focos da análise. O objetivo da coletânea é reunir dados e

reflexões sobre os fatores que influenciam o comportamento dos indivíduos em suas práticas cotidianas, especialmente no que se refere ao consumo doméstico de energia. Os capítulos buscam também investigar as implicações desses comportamentos para a política energética e sugerem programas e políticas públicas nessa área. Os capítulos incluem reflexões teóricas, análises de políticas e de tendências sociais, além de descrições de projetos de pesquisa que adotam as mais variadas metodologias.

O livro está dividido em três partes. A primeira parte busca reunir elementos teóricos e metodológicos para se pensar as mudanças de comportamento em direção à sustentabilidade. São tratados temas como: valores, identidade, normas sociais, práticas sociais e formas de intervenção para induzir tais mudanças. Merece destaque o capítulo redigido pela cientista social Yolande Strengers que, ao tratar dos problemas causados pelos “picos” de consumo de eletricidade na Austrália, sugere como solução o fim da divisão entre fornecimento e demanda. Uma maneira de fazer isso seria replicar, na escala domiciliar, a interrupção e a variabilidade que ocorrem nos sistemas energéticos de larga escala. Ou seja, ao invés de se buscar manter ou ampliar os estilos de vida vigentes, essa estratégia passaria a ver o consumidor de energia como um co-gereenciador, responsável por realinhar os elementos de suas práticas cotidianas e reorientar a sua rotina para se adaptar ao sistema de fornecimento de energia disponível. Segundo Strengers, as “políticas e regulações que encorajam, ou fazem pouco para desencorajar, a tendência de aquecimento e condicionamento central servem para legitimar e normalizar uma forma particular de conforto intensivo em energia” (p. 32).

Na segunda parte, encontramos textos que discutem exemplos de inovação social na Europa, isto é, iniciativas que buscam formas de vida mais sustentáveis: são estudados novas formas de consumo e novos estilos de vida que buscam aumentar o bem-estar pessoal ao mesmo tempo em que tentam minimizar os impactos ambientais. São citados como exemplos as “Cidades em Transição”, as ecovilas, o movimento *slow-food*, o movimento da simplicidade voluntária, o estabelecimento de moedas sociais, os sistemas de caronas e compartilhamento de automóveis, os sistemas de produtos-serviços, o CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura), os serviços autogerenciados de cuidados com crianças e idosos e outras “comunidades criativas”. Essas iniciativas trazem uma nova noção de bem-estar, desconectada do consumo de produtos e serviços. No entanto, elas enfrentam dificuldades de replicação e disseminação. Um dos capítulos aponta para a emergência de novos repertórios de ações e significados e de novas normas sociais na sociedade francesa, as quais reforçam a necessidade dos indivíduos de reduzir as suas demandas de energia.

Textos incluídos nessa segunda parte deixam clara a existência de tendências contraditórias. A busca por produtos mais eficientes em termos de energia é acompanhada por um crescimento do número de aparelhos eletrônicos e, portanto, por um crescimento do consumo total de energia pelos domicílios (o “efeito ricochete”). Outro paradoxo é a emergência de políticas ambientais e energéticas que buscam conscientizar os usuários e, ao mesmo tempo, a disseminação de um discurso que defende a necessidade de crescimento econômico e do consumo em tempos de crise. Para a população em geral, a mudança comportamental em direção a uma menor demanda por energia ainda enfrenta diversas barreiras. Entre elas está a contradição percebida entre economia de energia, de um lado, e o conforto e a conveniência, de outro. Um apoio governamental maior às iniciativas individuais e comunitárias que têm buscado formas de vida mais sustentáveis poderia facilitar a disseminação de novas práticas e comportamentos, combinando medidas “de cima para baixo” (governamentais) com iniciativas “de baixo para cima” (da sociedade civil).

Por fim, a terceira parte do livro inclui textos com temas diversificados. Um dos capítulos descreve um programa de grande escala desenvolvido na Austrália voltado para mudanças de com-

portamento. Outro texto faz uma análise das tendências populacionais da Índia (crescimento populacional, econômico e das taxas de urbanização) e do seu impacto na futura demanda por energia no país. Há ainda uma interessante análise das experiências e possibilidades apresentadas por diversos programas energéticos comunitários. Essa terceira parte reúne assuntos e metodologias tão diversos que fica difícil para o leitor entender o fio condutor que agrupa os capítulos. A organização das partes três e dois não segue qualquer coerência metodológica, teórica ou empírica, deixando o leitor um pouco perdido quanto à lógica da sequência dos textos.

No entanto, apesar dos problemas de organização, esta obra trata da questão energética de formas inovadoras. Ao invés de discutir os sistemas de infraestrutura e produção de energia, os textos colocam o indivíduo e os seus comportamentos para o centro do foco de análise. Eles trazem reflexões sobre o papel da sociedade civil na busca pela sustentabilidade e apresentam iniciativas e projetos inovadores e inspiradores. Essa obra pode ser de grande valia para pesquisadores e gestores de políticas públicas ambientais, de forma geral, e do setor energético, em particular. Os pesquisadores interessados em mudanças nos comportamentos e nos estilos de vida das sociedades contemporâneas podem encontrar aqui referências interessantes para acessar perspectivas diversificadas sobre o assunto.